


# SEMIÓTICA NA AMÉRICA LATINA: ESTUDOS DA SOCIEDADE E DA CULTURA

**Diana Luz Pessoa de Barros\***

 <https://orcid.org/0000-0001-5182-6767>

**Alexandre Marcelo Bueno\*\***

 <https://orcid.org/0000-0002-0798-3615>

**Celia Rubina Vargas\*\*\***

 <https://orcid.org/0000-0003-3860-5374>

## INTRODUÇÃO

■ **A** semiótica discursiva teve sua origem na França, na década de 1960, com as pesquisas, publicações e seminários de Algirdas Julien Greimas, e foi introduzida cedo, ainda nos anos 1960 e, sobretudo, a partir de 1970, e com entusiasmo, na América Latina. Uma das razões que favoreceram essa recepção foi, sem dúvida, o grande desenvolvimento, nesses países, da linguística saussuriana, do estruturalismo, em campos diversos, e dos vários estudos semiológicos – trabalhos de Barthes, Kristeva, Todorov, Eco, Lévi-Strauss, Marin, Durand, Metz, Ruwet, publicações da revista *Communications* –, precursores dos estudos da semiótica discursiva. Se o momento da introdução da semiótica e a boa aceitação do estruturalismo e da semiologia nos diferentes países latino-americanos já aproximaram os estudos semióticos neles desenvolvidos, pretendemos, neste texto, tratar, sobretudo, de outro ponto, que consideramos central para a caracterização da semiótica latino-americana e para a explicação de sua boa e forte aclimatização nos 50 anos em terras americanas. Queremos mostrar que a semiótica na América Latina buscou sempre produzir conhecimento sobre a sociedade e a cultura de seus países e contribuir

\* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM); Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. *E-mail*: dianaluz@usp.br

\*\* UPM, São Paulo, SP, Brasil. *E-mail*: alexandre.bueno@mackenzie.br

\*\*\* Pontifícia Universidade Católica do Peru, Lima, Peru. *E-mail*: cirubina@pucp.edu.pe

para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. A preocupação com a cultura e a sociedade é um traço que, a nosso ver, diferencia a pesquisa semiótica que se faz na América Latina da europeia e, principalmente, da francesa, em que a maior preocupação é o desenvolvimento teórico e metodológico da semiótica, cabendo, muitas vezes, às análises sobretudo ilustrar ou exemplificar a teoria.

Organizamos esta exposição em três partes: a primeira, para mostrar que a semiótica não só permite como induz esse tipo de preocupação social; a segunda, sobre a assunção pelos semioticistas da América Latina dessas questões e sua importância atual; a terceira, sobre as contribuições do dossiê “Semiótica na América Latina: História, Direções e Perspectivas” para tais desenvolvimentos.

## SEMIÓTICA E OS ESTUDOS DA SOCIEDADE E DA CULTURA

Em estudos anteriores, Barros (2017) procurou mostrar que as relações da proposta semiótica com a sociedade, a história e a cultura estão já previamente dadas, devido ao paradigma teórico-metodológico em que a semiótica se inscreve e a seu projeto analítico. Realmente, se considerarmos tanto os veios de origem da semiótica quanto a leitura que Greimas fez, principalmente de Saussure e Hjelmslev, para a construção de sua proposta teórica e metodológica, podem-se comprovar as relações históricas, culturais e sociais do projeto semiótico.

Em geral, têm sido apontados três veios de origem da teoria, sempre no âmbito do estruturalismo ou do formalismo (dos formalistas russos e de Propp): os estudos linguísticos fundadores de Saussure, no *Curso de Linguística Geral* (1969 [1916]), e de Hjelmslev, sobretudo nos *Prolégomènes à une théorie du langage* (1968); a *Morphologie du conte*, de Propp (1970), base da sintaxe narrativa greimasiana; as propostas de Lévi-Strauss, principalmente para o exame das relações de parentesco. O estruturalismo e o formalismo foram criticados ou mesmo recusados por muitos, principalmente nos anos 1960 e 1970, devido ao fato de, segundo esses críticos, cortarem as relações do texto com a sociedade ou negarem a historicidade do discurso. Essas críticas não deveriam, porém, aplicar-se à semiótica discursiva, pois Greimas também se opunha ao formalismo behaviorista, que não tinha nenhuma preocupação com os sentidos e com a construção de uma teoria semântica. Esse tipo de formalismo distingue-se, para ele, da formalização necessária à construção de uma teoria científica (ver FIORIN, 1995).

Ao construir-se no âmbito do estruturalismo, a partir do discurso fundador de Saussure, com sua língua social, e também com base nos estudos literários e culturais dos formalistas russos e da antropologia, ressignificados, Greimas deu à sua proposta características do estruturalismo, pois propõe o exame da organização ou da estrutura do texto e apresenta como tarefa de seus estudiosos a análise dos procedimentos e estratégias de construção dos sentidos dos discursos e, ao mesmo tempo, mostra que essa organização do discurso contém uma visão de mundo. Dessa forma, a semiótica, por princípio, não incorre nem nos excessos do formalismo, que nega a história, nem nos do ideologismo, que ignora a integração entre a realidade social e a organização linguística.

Os veios de origem apontados deixam clara a filiação da semiótica aos estudos literários e antropológicos e a uma linguística em que o caráter social da língua faz parte dos princípios gerais. As relações da proposta semiótica com a

sociedade, a história e a cultura estão, portanto, ao contrário do que acreditam alguns de seus críticos, já previamente apontadas. Assim nascida, a semiótica tem plena inserção no âmbito das ciências humanas.

Nesse quadro, Greimas, ao tratar, em *Semântica estrutural* (1976 [1966], p. 57), da construção de uma linguagem capaz de dar conta dos modos de existência e de manifestação da significação, fala da distorção histórica da significação “provocada pelas exigências contraditórias da liberdade e das imposições da comunicação, pelas oposições das forças divergentes da inércia e da história”. A leitura e a ressignificação que faz de Saussure, e também de Hjelmslev, de Propp ou de Lévi-Strauss, permitem-lhe dizer que no universo de sentidos dos textos está implicada uma visão de mundo, sócio-histórica portanto, como condição da significação. Isso é explicitado por ele em sua sintaxe narrativa e também na organização do nível discursivo do percurso de geração da significação dos textos. A sintaxe narrativa da semiótica aproxima-se da sintaxe estrutural de Tesnière (1959) e da gramática de casos de Fillmore (1968) e se caracteriza como uma sintaxe semântica (GREIMAS, 1976 [1966], p. 155) de caráter conceptual e antropológico, capaz de explicar os recortes semânticos culturais. A narratividade se define pela busca do sujeito por valores sempre socioculturais e históricos. No nível discursivo do plano do conteúdo, a organização enunciativa das pessoas, do tempo e do espaço traz também pistas das determinações sócio-históricas dos atores da enunciação, e do texto portanto, mas é sobretudo nos temas e figuras que elas mais se deixam ver. Os temas e figuras são determinados sócio-historicamente e levam para os discursos o modo de ver e de pensar o mundo de classes, grupos e camadas sociais, assegurando assim o caráter ideológico desses discursos (FIORIN, 1988, p. 1-19).

Neste item procuramos mostrar, muito rapidamente, que as relações da proposta semiótica com a sociedade, a história e a cultura estão previamente dadas, devido ao paradigma teórico-metodológico em que a semiótica se inscreve e a seu projeto analítico. Na próxima parte, trataremos das condições de recepção da semiótica na América Latina, retomando, para tanto, algumas das considerações de Barros (2012a, 2012b, 2007) e de Barros e Espar (2003) sobre a questão.

## **SEMIÓTICA NA AMÉRICA LATINA**

O projeto semiótico, sintetizado no primeiro item, foi, sem dúvida, influenciado pelos movimentos sociais e políticos de 1968, na França, e chegou à América Latina em um momento também nela marcado por turbulências sociais e políticas.

O movimento de maio de 1968 teve início com o movimento estudantil francês de renovação de valores, que questionava, assim, as estruturas sociais vigentes, tais como a bipolaridade política da Guerra Fria, as corridas armamentista, nuclear e espacial, as guerras, o capitalismo, a globalização do capital, as desigualdades e as opressões sociais, o conservadorismo dos comportamentos. Outros grupos sociais juntaram-se aos estudantes, em torno dos objetivos de democratização e defesa das liberdades individuais ou coletivas. A rebeldia e a resistência marcaram o período. A influência desses movimentos foi forte no mundo em geral, principalmente em relação às mudanças sociais e comportamentais. Esses movimentos propiciaram o fortalecimento dos grupos de defesa da democracia, das liberdades civis, da liberdade sexual, dos direitos das mulheres e dos imigrantes, da igualdade entre negros e brancos, homossexuais e

heterossexuais. Além disso, contribuíram para o reconhecimento do papel e da importância social dos meios de comunicação. Nos Estados Unidos, por exemplo, os movimentos de 1968 foram encampados por trabalhadores sindicalizados, intelectuais, artistas, grupos de defesa dos direitos de negros, mulheres, homossexuais ou de rejeição à Guerra do Vietnã.

Na América Latina, os anos 1960 e 1970<sup>1</sup> foram momentos de turbulência social e política, com ditaduras, sobretudo militares, implantadas em quase todos os países latino-americanos, e movimentos e lutas de estudantes, intelectuais, artistas, trabalhadores, indígenas, homens do campo contrários a esses regimes conservadores e ditatoriais. Essa agitação social e política estava conectada à Guerra Fria (1947-1991), com o enfrentamento ideológico entre os Estados Unidos e a União Soviética, aos movimentos sociais e políticos de 1968 e à Revolução Cubana de 1959, que fortaleceram o surgimento de ideias revolucionárias, em países marcados pela pobreza, pela desigualdade social e pela opressão dos regimes ditatoriais.

A recepção da semiótica na América Latina e, em especial, na América do Sul, ocorreu, portanto, também ela, em um momento conturbado social e politicamente, que, de alguma forma, deu direção a seus desenvolvimentos na região. Vários países da América Latina passaram, no período de 1960 e 1970, por ditaduras que tinham muitas características em comum: foram ditaduras conservadoras, sobretudo militares ou civil-militares, da época da Guerra Fria, que tinham por objetivo não apenas desmantelar movimentos ditos revolucionários, mas impedir que eles surgissem; contaram, por essa razão, com forte apoio ou mesmo iniciativa dos Estados Unidos; foram marcadas pelo autoritarismo e pela violência do Estado contra seus cidadãos, pela censura e pelo medo que contagiou toda a sociedade. Era, de um lado, o medo inculcado do comunismo; do outro, o medo dos governos ditatoriais, que fomentavam o terror, torturavam, matavam e rompiam os laços de solidariedade entre os cidadãos. Essas ditaduras tornaram-se cada vez mais violentas, mas justificaram esse terrorismo de Estado apresentando-o como uma suposta guerra contra o inimigo, no caso, o comunismo. Na América do Sul, sobretudo, o Plano Condor, por exemplo, procurou coordenar, com auxílio e planejamento dos Estados Unidos, a repressão violenta e agressiva.

No Brasil, a ditadura militar foi instaurada por meio de um golpe organizado tanto pelos militares quanto pelos civis e estendeu-se de 1964 a 1985. Foi um longo período de 21 anos, marcado pelo autoritarismo e pela repressão realizados pelo Estado contra aqueles que se opunham ao regime autoritário de censura, violência e falta de liberdade.

No Chile, o presidente Salvador Allende, por ocasião do golpe militar de 1973, recusou-se a deixar o palácio e suicidou-se. A ditadura no Chile, comandada por Augusto Pinochet, foi violentíssima e durou de 1973 a 1990<sup>2</sup>.

O Peru sofreu um golpe de Estado em 1968 e a ditadura durou até 1980. O governo militar de Juan Velasco Alvarado promoveu uma série de reformas de caráter nacionalista, como a Reforma Agrária e a expropriação de empresas e meios de comunicação. Durante esses anos, aumentaram as tensões sociais

---

1 Cf. o acervo *on-line* Memórias da Ditadura ([s. d.]).

2 No dossiê publicado neste número da revista *Todas as Letras*, Verónica Estay analisa a mensagem gravada por Allende ao se suicidar.

e políticas que desembocaram no período de conflito armado interno peruano (1980-2000), no qual os grupos armados Sendero Luminoso e o Movimento Revolucionário Tupac Amaru enfrentaram as Forças Armadas em uma guerra, que, segundo os dados da Comissão da Verdade e da Reconciliação, gerou mais de 69 mil mortes. No meio do fogo cruzado, partes consideráveis de populações camponesas e indígenas foram dizimadas<sup>3</sup>.

A Bolívia, de 1964 a 1982, teve vários governos militares, com diferentes projetos políticos e econômicos. Todos eles, porém, desarticularam as organizações sociais de trabalhadores e levaram a retrocessos sociais. Os anos 1970, sobretudo, foram marcados por uma repressão implacável.

O Uruguai viveu sob uma ditadura cívico-militar de 1973 a 1985. A ditadura uruguaia foi considerada cívico-militar porque fez parte do golpe um presidente eleito democraticamente e essa participação civil garantiu a continuidade do processo ditatorial. Essa ditadura, como em geral aconteceu nos demais regimes ditatoriais latino-americanos, caracterizou-se pelas prisões prolongadas e ilegais e pela repressão aos grupos revolucionários que, descontentes com a situação, opunham-se ao governo. Foi o que ocorreu com o Movimento para Libertação Nacional Tupamaros (MLN), do qual participou José Mujica, ex-presidente uruguaio.

No Equador, no período em que quase todos os países da América do Sul sofreram golpes militares, a volta de políticas menos conservadoras e a descoberta de petróleo levaram a intervenções militares pontuais nos anos 1960 e, finalmente, a um golpe militar em 1972. O país só voltou à democracia em 1979.

Na Colômbia, em 1958, houve um acordo político de alternância de governo entre o Partido Conservador e o Partido Liberal, que durou até 1974. A partir da primeira metade dos anos 1960, o país viveu uma guerra assimétrica entre o governo conservador colombiano, os grupos paramilitares, os traficantes e os guerrilheiros de esquerda, como as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia e o Exército de Libertação Nacional (ELN), que mantiveram boa parte das pautas dos movimentos indígenas e camponeses, desmobilizados pela violência de Estado nos anos 1950.

A Venezuela foi governada por uma ditadura militar de 1945 a 1958. A partir daí, e na década de 1970, houve lá, tal como na Colômbia, alternância no poder entre dois partidos conservadores, a Ação Democrática (AD) e o Comitê de Organização Política Eleitoral Independente (Copei). O país dependeu sempre de suas exportações de petróleo bruto e teve um período de grande desenvolvimento, graças ao *boom* do petróleo que aconteceu sobretudo no primeiro mandato do presidente Carlos Andrés Pérez (1974-1979). Esse governo foi também marcado por escândalos de uso dos recursos públicos. Em consequência, na década de 1980, a queda dos preços de petróleo e a enorme dívida externa fizeram crescer o desemprego e os preços no país.

Na Argentina, em 1966, houve um golpe militar, a chamada Revolução Argentina, provavelmente inspirada no golpe de 1964 no Brasil, que fracassou e a democracia foi restaurada em 1970. Em 1976, ocorreu novo golpe militar e a ditadura estendeu-se de 1976 a 1983. Foi um período fortemente marcado pelo terrorismo de Estado.

3 A estimativa de mortos ou desaparecidos nesse período aparece em Hatun Willakuy (2004, p. 17), versão resumida do Informe Final da Comissão da Verdade e da Reconciliação (*Comisión de la Verdad y Reconciliación*).

No Paraguai, o general Stroessner permaneceu no poder de 1954 a 1989, como presidente da República, comandante das Forças Armadas e presidente honorário do Partido Colorado. O Partido Colorado, conservador, está no poder desde 1948. Os movimentos sociais (indígenas, dos sem terra e dos pequenos proprietários rurais, sobretudo) foram sempre fortemente reprimidos. Houve uma estreita relação entre as ditaduras no Brasil e no Paraguai.

O México foi governado pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI) durante 70 anos, a partir de 1929. Os anos 1969 e 1970, que nos interessam, foram chamados de período da *Guerra Sucia* (Guerra Suja), devido a uma luta interna entre o governo do PRI e o movimento estudantil de oposição política a esse governo. A guerra foi caracterizada por violenta repressão política e militar, desaparecimento, tortura e execução de jovens, e terminou no massacre de Tlatelolco, no qual milhares de estudantes foram mortos.

Foi nesse quadro político e social da América Latina que a semiótica, caracterizada por comprovadas relações históricas, culturais e sociais de seu projeto teórico e analítico, nascida na França, juntamente com os movimentos sociais de maio de 1968, foi recebida e introduzida.

Os professores e pesquisadores que a acolheram tinham sido formados nos seminários e ateliês organizados por Algirdas Julien Greimas, na Escola de Altos Estudos em Paris, e/ou haviam lido *Semântica estrutural* e percebido ali uma nova forma de tratar da linguagem e um modo mais seguro e eficiente de contribuir para o conhecimento e a melhoria dos países tumultuados e oprimidos em que viviam. Eram estudiosos ligados à tradição universitária em seus países, o que facilitou a institucionalização da semiótica. Tinham dois tipos de formação, principalmente – na área de Letras (linguística, teoria literária) e na de Comunicação e Artes. Esses primeiros semioticistas puderam, assim, criar em seus países uma escola de semiótica, pois ofereceram cursos introdutórios e avançados nas universidades em que trabalhavam, escreveram livros de fundamentos, desenvolveram aspectos teóricos e metodológicos, fizeram muitas e variadas análises, traduziram para o português e o espanhol estudos dos semioticistas franceses. Tiveram papel fundamental na implantação e no desenvolvimento da semiótica na América Latina e contribuíram para o avanço teórico e metodológico da semiótica em geral e para a produção de conhecimento sobre a cultura e a sociedade em seus diferentes países. O entusiasmo deveu-se, principalmente, ao discurso fundador (FIORIN, 1995) e, portanto, inovador de *Semântica estrutural*, em que esses estudiosos da linguagem acreditaram ter encontrado um bom caminho para o exame dos sentidos dos textos e, por meio deles, um caminho para que se conhecessem melhor a sociedade e a cultura americanas. Além disso, a formação institucional em semiótica, com a disciplinarização universitária, a preocupação com o ensino e com a formação de novos pesquisadores na área e, ao mesmo tempo, com a pesquisa, são também traços característicos da recepção e do desenvolvimento da semiótica na América Latina, que muito a fortaleceram.

Dois questões fundamentais podem ser observadas hoje, passados 50 anos e formadas e misturadas várias gerações de semioticistas latino-americanos: a primeira delas é que não houve um mero transplante da teoria para aplicá-la irrefletidamente nos objetos culturais e sociais dos diferentes países da América Latina, mas uma construção da teoria em solo americano, contribuindo sempre e de forma fundamental para o avanço teórico e metodológico da semiótica em

geral, entendida como um projeto de construção coletiva, tal como foi proposto por Greimas; a segunda é que a preocupação central dos semioticistas que desenvolveram suas pesquisas na América Latina foi sempre a de explicar os processos de significação do homem, da sociedade e da cultura latino-americanos. Foram levadas em conta as especificidades culturais e sociais de cada país da América Latina, suas demandas de objetos e temas ligados à cultura e à sociedade. Entre essas características, deve ser salientado que somos uma sociedade multilíngue e pluricultural, ou seja, uma sociedade que tem a mestiçagem como patrimônio (ZILBERBERG, 2004). Esse é um dos desafios sobre os quais os semioticistas latino-americanos precisaram dar respostas. Por isso, desenvolveram, em todos os países, pesquisas em etnossemiótica, em sociossemiótica, em comunicação de massa, em política cultural, em literatura oral, em análise da conversação, em práticas textuais e discursivas e estabeleceram muitos diálogos com outras disciplinas, tais como a sociologia, a história, a antropologia, a retórica, a psicanálise, as teorias da comunicação e das artes, os estudos linguísticos e literários. Sentiram-se, com isso, continuadores da proposta de Greimas, que, pelo paradigma em que se insere, oferece uma boa direção para esses desenvolvimentos. O encontro de uma proposta que se define por implicar uma visão de mundo e uma busca de valores com a procura de caminhos realizada pelos semioticistas latino-americanos para dar conta dos discursos sociais e construir conhecimento sobre a América deu certo, produziu frutos.

As preocupações teóricas e o projeto analítico de exame dos discursos sociais tomam a mesma direção, mais ou menos no mesmo período, nos diferentes países da América Latina. Exemplificaremos isso com cinco rápidos comentários sobre a semiótica no Brasil, no Peru, na Venezuela, no Chile e na Argentina.

No Brasil, a semiótica discursiva foi introduzida nos anos 1960, em São Paulo, na Universidade de São Paulo (USP) e na Faculdade de São José do Rio Preto, hoje denominada Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), por linguistas e estudiosos da literatura, que, já em 1973, trouxeram Greimas para ministrar um curso no Brasil, criaram o Centro de Estudos Semióticos e publicaram a revista *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*. Atualmente, as principais revistas de semiótica no Brasil são *Cadernos de Semiótica Aplicada – Casa* (Unesp), *Estudos Semióticos* (USP) e *Galáxia* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo [PUC-SP]). Foram também publicados livros de fundamentos, voltados para a formação de novos semioticistas, que tiveram muita difusão no país: *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*, em 1988, e *Teoria semiótica do texto*, em 1990, ambas de Diana Luz Pessoa de Barros; e *Elementos de análise do discurso*, em 1989, de José Luiz Fiorin. A partir desse início, novos grupos se constituíram no estado de São Paulo e no resto do país, mostrando bem a diversidade dos estudos de semiótica discursiva, com a manutenção de estudos nas áreas de letras, os novos caminhos da semiótica na comunicação social e o interesse, teórico e aplicado, no exame dos discursos sociais.

Os estudos semióticos no Brasil, mas também em muitos países da América Latina, contribuíram bastante para a recuperação, na semiótica, de questões teóricas que, de início, tinham sido postas de lado, como, entre outras, as da enunciação, da oralidade e da expressão, e também para o alargamento dos objetos, já que houve, sempre, a preocupação em descrever e explicar os mais diferentes discursos da sociedade e da cultura. Dessa forma, desenvolveu-se, no Brasil, entre outras, uma semiótica da enunciação, de que o livro de José Luiz

Fiorin, *As astúcias da enunciação* (1996), é o melhor exemplo, tanto pelos acrescentamentos teóricos que traz à teoria quanto pela explicação primorosa da organização das pessoas, dos tempos e dos espaços, no português; uma semiótica da canção, seja pela construção teórica e metodológica, seja pela análise minuciosa da canção popular brasileira, desenvolvida por Luiz Tatit (1994, 1997); uma semiótica do plano da expressão, para o exame dos discursos poéticos, dos publicitários e dos textos sincréticos da internet, fundamentais para o exame dos discursos políticos e sociais. Discursos mentirosos, discursos preconceituosos e intolerantes, *fake news*, discursos de imigrantes ou sobre eles, discursos da extrema direita e tantos outros são caminhos que a semiótica tem empreendido – e com sucesso –, no Brasil, mas também em diferentes países da América Latina.

Os semioticistas peruanos, como aconteceu nos demais países latino-americanos, desenvolveram trabalhos teóricos e metodológicos, participando da investigação dos temas comuns da semiótica geral, e publicaram (BLANCO; BUENO, 1980), já no início dos anos 1980, em espanhol, uma metodologia da análise semiótica, com os fundamentos da teoria, que teve grande difusão em toda a América Latina. Ao mesmo tempo, examinaram objetos particulares da cultura no Peru e produziram conhecimento novo sobre a sociedade peruana. Nessa última direção, algumas das características da semiótica do Peru são os estudos da literatura oral andina e da cultura popular peruana, em geral, as pesquisas em etnoliteratura e em comunicação de massa, o exame dos contatos e dos conflitos entre as línguas faladas no Peru, os estudos da literatura peruana, a partir, principalmente, de suas bases na literatura oral, e da literatura latino-americana (BALLÓN AGUIRRE, 2002, 2006). Enrique Ballón Aguirre (2002) insiste, com razão, em que muitas das peculiaridades da semiótica no Peru devem-se à situação “*multinacional, multilíngüe y pluricultural de la sociedad peruana*”. Deve-se observar ainda, entre as mais significativas contribuições da semiótica no Peru, os estudos da comunicação – sobre o cinema, a estética, os quadrinhos, os jornais, as revistas etc. Só para citar um deles, mencionaremos o magnífico livro de Óscar Quezada (2017) *Mundo mezuino: arte semiótico filosófico*, sobre os quadrinhos de Quino. Além disso, podemos mencionar o estudo de Rubina e Kanashiro (2015), que trata das representações do Peru por meio de diversos discursos, desde a oralidade até fotografias, que dão um amplo panorama dos discursos elaborados para tratar do país. A semiótica discursiva teve, no Peru, forte desenvolvimento e esteve sempre ligada aos dois campos do conhecimento a que está em geral relacionada na América Latina: às áreas de comunicação social e aos estudos linguísticos e literários.

Na Venezuela, devem ser mencionados três centros de estudos semióticos – em Mérida, iniciado por Teresa Espar; em Maracaibo, por Jose Enrique Finol (FÍNOL; DJUKICH, 1998); e em Carabobo, por Roque Carrión-Wam. Os primeiros trabalhos, como, em geral, ocorreu nos demais países da América Latina, voltavam-se para a análise de textos verbais, especialmente com o exame de escritores venezuelanos e latino-americanos (ESPAR, 1989). Em seguida, além das de semiótica literária, foram desenvolvidas, em Mérida, outras pesquisas sobre identidade latino-americana, e em diferentes direções – sociosemiótica, semiótica da comunicação ou do cinema; em Maracaibo, estudos semióticos em diálogo com discursos antropológicos e políticos; em Carabobo, estudo pioneiro, de Roque Carrión-Wam (1977), na área de semiótica jurídica, em que são examinadas, entre outras questões, as mudanças sociais ocorridas na América do Sul a partir de uma crítica histórica do direito.



Desde seu início, a semiótica chilena esteve interessada em ter teoria e método para tratar da luta ideológica e fazer a crítica cultural e social no país, devido ao período conturbado e de intensa atividade política que o país vivia. Foi nesse contexto que a semiótica discursiva encontrou seu lugar no Chile e os temas de investigação estão em estreita relação com a conjuntura política chilena da época. Como estamos procurando mostrar, isso aconteceu também nos demais países da América Latina, que, igualmente, viviam problemas políticos, mas parece ter havido ênfase maior no Chile. Paralelamente a esses estudos, foram desenvolvidas pesquisas semióticas sobre a arquitetura, a literatura, a pintura e a comunicação. A partir do golpe militar de 1973, com a repressão violenta, desapareceram os espaços de crítica nas universidades chilenas e essas atividades foram camufladas em pesquisas, sobretudo nas áreas de literatura, artes e comunicação (VILLAR MUÑOZ, 1988). Cresceram, portanto, os estudos sobre a publicidade, o desenho gráfico, o *marketing*, a mídia, como vimos acontecer no Peru e no Brasil, por exemplo.

Já na Argentina, a recepção da semiótica discursiva francesa foi muito menor, devido, em boa parte, às presenças fortes de Luís E. Prieto e de Eliseu Verón e de suas propostas de estudos do discurso e à aproximação progressiva e cada vez mais acentuada que ocorreu entre a pesquisa argentina e a semiótica peirciana (RAVERA, 2000). De qualquer forma, os semioticistas argentinos, incluindo os que mais se aproximaram da semiótica discursiva, trataram também, principalmente, da comunicação de massa, da política cultural, da ideologia e da construção de identidades, e mantiveram preocupações com as artes, a literatura e a estética. Em 1985, Graciela Latella publicou, na Argentina, em espanhol, um livro de fundamentos da semiótica discursiva, com a análise de “Emma Zunz”, de Borges.

Com esse rápido esboço do desenvolvimento histórico da semiótica na América Latina, pode-se perceber que as condições de recepção e de realização da semiótica discursiva nos vários países explicam, juntamente com a inscrição da semiótica em um dado paradigma teórico, o grande desenvolvimento nos países latino-americanos de uma construção teórica e de um projeto analítico dirigidos para a produção de conhecimento sobre os discursos da sociedade e da cultura latino-americanas. Há um outro e novo objeto nos discursos sociais, culturais e políticos construídos pelos estudiosos da linguagem, e sobretudo do discurso, do qual só eles podem dar conta, e os semioticistas latino-americanos estiveram e estão atentos a isso.

Os semioticistas na América Latina, mesmo hoje, e não apenas nos momentos iniciais de recepção da semiótica, continuam convencidos de que cabe aos estudiosos do discurso produzir conhecimento sobre a sociedade e a cultura latino-americanas, como forma de intervenção social e, principalmente, que a semiótica fornece ainda, ou, mais do que antes, caminho teórico e metodológico para a construção desses saberes.

## **O DOSSIÊ “SEMIÓTICA NA AMÉRICA LATINA: HISTÓRIA, DIREÇÕES E PERSPECTIVAS”**

O dossiê reúne trabalhos que mostram essa preocupação com a sociedade e a cultura da América Latina, em seu conjunto, mas também dá conta das espe-

cificidades das pesquisas em semiótica desenvolvidas em cada um dos diferentes países ou regiões e bem aponta a relevância desses estudos no mundo atual.

Outra característica deste dossiê é a presença de ensaios que não necessariamente correspondem ao gênero “artigo acadêmico” em sua característica mais convencional. Assim, observa-se o uso experimental do gênero ensaio como um modo de se apresentarem outras possibilidades de refletir semioticamente temas que dizem respeito à cidade, à política, à cultura e à sociedade no âmbito da América Latina.

O primeiro artigo, de Óscar Quezada, intitulado “A semiótica tensiva de Claude Zilberberg no *Mundo mezquino*”, recorre aos conceitos da semiótica tensiva desenvolvida por Claude Zilberberg para analisar charges do desenhista argentino Quino. Desse modo, Quezada mostra como as charges em questão trabalham com um movimento que parte da rotina para chegar às situações excepcionais, extravagantes e de maior coeficiente sensível do que inteligível.

O artigo de Verónica Estay Stange, “El metal tranquilo de mi voz’: el material sonoro del discurso político”, examina o histórico discurso que o presidente chileno Salvador Allende proferiu em 1973 no momento do ataque das forças militares golpistas ao Palácio da Moneda que resultou na morte do presidente democraticamente eleito. Sua motivação é compreender como um discurso, produzido no “calor do momento”, perdura até os dias atuais e ainda continua a ter uma força política para as novas gerações de chilenos.

Em um contexto político mais recente, mas igualmente cruel para as forças progressistas, Natália Silva Giarola de Resende e Conrado Moreira Mendes, no artigo “Entre complexidade discursiva e intolerância: uma análise semiótica dos temas e figuras sobre o assassinato de Marielle Franco na *fanpage* Direita Vive 3.0”, realizam uma análise sobre a intolerância presente em uma página do Facebook de viés conservador, de extrema direita, que “saudava” a morte da vereadora carioca em 2018, antecipando, de certa maneira, os momentos pelos quais o país passaria com a eleição presidencial daquele ano.

Com uma preocupação social, Elder Cuevas-Calderón e Jaime Vargas Villafuerte tratam da questão do racismo em “Do *cholo* para *el chamo*: um estudo sobre a discriminação racial em Gamarra (Lima, Peru)”. Assim, em um bairro popular de Lima, os pesquisadores examinam, por meio da semiótica tensiva e da sociosemiótica, as interações entre diferentes perfis da população: nativos, pessoas vindas do interior, imigrantes, entre outros. O que os autores propõem é que se observe como os valores sociais em jogo se articulam entre legitimidade e direitos para cada tipo social que se presentifica naquele espaço e, assim, faz com que surjam casos de discriminações de ordens diversas.

Há alguns anos, semioticistas têm se debruçado também na análise das cidades. No presente dossiê, são apresentados dois trabalhos que dialogam diretamente com o tema do grafite e das intervenções urbanas pela cidade. O primeiro estudo é de Franciscu Sedda, intitulado “Artistici(d)ade: os grafites de São Paulo e a antropofagia criativa do espaço metropolitano”. No ensaio, Sedda relata sua experiência, como estrangeiro, de participar de uma excursão que parte do bairro de Perdizes (localizada na Zona Oeste de São Paulo e conhecida por ser uma região de classe média alta) e atravessa a cidade em direção à Zona Sul, para chegar ao bairro do Grajaú, na região periférica da metrópole paulistana. Sedda oferece uma fina descrição dos grafites pelos quais a excursão vai passando, permeada por uma reflexão semiótica densa a partir do choque de significações inesperadas que ele vai vivenciando em seu relato.

Por fim, o trabalho de Norma Discini, “Semiótica e inscrições urbanas”, trata do surgimento de uma poética e de uma ética urbanas a partir da presença de grafites em distintos espaços da cidade de São Paulo. Assim, a semioticista aponta caminhos para se articularem os distintos estilos presentes nas manifestações urbanas, o uso específico do suporte nas inscrições da cidade e o modo como os grafites relacionam o ato de enunciar a diversos enunciatórios que atravessam as vias da cidade.

O conjunto de textos que compõem este dossiê aponta para o vigor dos estudos semióticos na América Latina, com seus objetos específicos, seus temas particulares e seus modos de pesquisar que, se não se diferenciam completamente de seus correspondentes europeus, fazem a semiótica pensada por Algirdas Julien Greimas se tornar aclimatada ao continente americano, o que serve para comprovar o alcance da heurística da proposta teórica do mestre lituano.

## REFERÊNCIAS

- BALLÓN AGUIRRE, E. La semiótica en el Perú. *Signa: Revista de la Asociación Española de Semiótica*, v. 11, p. 19-70, 2002. DOI 10.5944/signa.vol11.2002.31870
- BALLÓN AGUIRRE, E. *Tradición oral peruana: literaturas ancestrales y populares*. Lima: Fondo Editorial de la PUCP, 2006. 2 v.
- BARROS, D. L. P. de. A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 20, n. 1, p. 149-186, jan./jun. 2012a. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2577/2529>. Acesso em: 17 jan. 2023.
- BARROS, D. L. P. de. Directions et rôles de la sémiotique en Amérique du sud: premières réflexions. *Signata: Annales des Sémiotiques*, v. 3, n. 1, p. 131-160, 2012b. DOI 10.4000/signata.844
- BARROS, D. L. P. de. Les études de société selon la perspective de la sémiotique greimassienne. *Semiotica*, Berlin, n. 214, p. 373-391, 2017. DOI 10.1515/sem-2016-0193
- BARROS, D. L. P. de. Rumos da semiótica. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 12-23, 2007. Disponível em: <http://editora.revistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/648/578>. Acesso em: 17 jan. 2023.
- BARROS, D. L. P. de.; ESPAR, T. (org.). *Perfiles semióticos: Greimas en América Latina: bifurcaciones*. Merida: Ediciones Rectorado – Universidad de los Andes, 2003. v. 1.
- BLANCO, D.; BUENO, R. *Metodología del análisis semiótico*. Lima: Universidad de Lima, 1980.
- CARRILLO, F. R. (coord.); CAMINITI, E. G. (ed.). *Hatun Willakuy: versión abreviada del Informe final de la Comisión de la Verdad y Reconciliación*. Lima: Editora Comisión de la Verdad y Reconciliación, 2004.
- CARRIÓN-WAM, R. Elementos de semiótica jurídica. *Anuario*, p. 260-320, 1977.
- ESPAR, T. *Semiótica general y el discurso literario latinoamericano*. Caracas: Monte Ávila, 1989.

- FILLMORE, C. J. The case for case. In: BACH, E.; HARMS, R. T. (ed.). *Universals in linguistics theory*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1968.
- FÍNOL, J. E.; DJUKICH, D. La semiótica en Venezuela: historia, situación actual y perspectivas. *Signa: Revista de la Asociación Española de Semiótica*, v. 7, p. 91-106, 1998. DOI 10.5944/signa.vol7.1998.32850
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- FIORIN, J. L. Semântica estrutural: o discurso fundador. In: OLIVEIRA, A. C. de O.; LANDOWSKI, E. (org.). *Do inteligível ao sensível*. São Paulo: Educ, 1995. p. 17-42.
- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1976 [1966].
- HJELMSLEV, L. *Prolégomènes à une théorie du langage*. Paris: Editions de Minuit, 1968.
- LATELLA, G. *Metodologia y teoria semiótica: analisis de Emma Zunz de J. L. Borges*. Buenos Aires: Hachette, 1985.
- MEMÓRIAS da Ditadura. [s. d.]. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/>. Acesso em: 7 fev. 2023.
- PROPP, V. *Morphologie du conte*. Paris: Seuil, 1970.
- QUEZADA, Ó. M. *Mundo mezquino: arte semiótico filosófico*. Lima: Fondo Editorial de la Universidad de Lima, 2017. Disponível em: [https://repositorio.ulima.edu.pe/bitstream/handle/20.500.12724/10749/Quezada\\_Macchiavello\\_mundo\\_mezquino.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ulima.edu.pe/bitstream/handle/20.500.12724/10749/Quezada_Macchiavello_mundo_mezquino.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 17 jan. 2023.
- RAVERA, R. M. En torno a la semiótica en Argentina. *Signa: Revista de la Asociación Española de Semiótica*, v. 9, p. 19-70, 2000. DOI 10.5944/signa.vol9.2000
- RUBINA, C.; KANASHIRO, L. *El Perú a través de sus discursos: oralidad, textos e imágenes desde una perspectiva semiótica*. Lima: Fondo Editorial de la PUCP, 2015.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969 [1916].
- TATIT, L. A. de M. *Musicando a semiótica: ensaios*. São Paulo: Annablume, 1997.
- TATIT, L. A. de M. *Semiótica da canção: melodia e letra*. São Paulo: Escuta, 1994.
- TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Klincksieck, 1959.
- VILLAR MUÑOZ, R. del. La semiótica en Chile. *Signa: Revista de la Asociación Española de Semiótica*, v. 7, p. 37-64, 1988. DOI 10.5944/signa.vol7.1998.32820
- ZILBERBERG, C. As condições semióticas da mestiçagem. In: CAÑIZAL, E. P.; CAETANO, K. E. (org.). *O olhar à deriva: mídia, significação e cultura*. Tradução I. C. Lopes e L. Tatit. São Paulo: Annablume, 2004. p. 69-101.